

## UMA ANÁLISE DA TEORIA DOS QUATRO HUMORES DA MEDICINA HIPOCRÁTICA

Ana Kamylla Amorim Saraiva de Carvalho (1); Emmanoel de Almeida Rufino (2)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus João Pessoa.

E-mail: <sup>1</sup>kamyllaamorim\_k@hotmail.com; <sup>2</sup>(Orientador) emmanoel.rufino@ifpb.edu.br

**Resumo:** Os ideais gregos de saúde apresentaram grande influência sobre a medicina ocidental, de tal modo que até hoje o nome Hipócrates (considerado o “pai da medicina”) ainda é pronunciado em muitos juramentos acadêmicos de médicos recém-formados. Médico e filósofo, Hipócrates ganhou notoriedade no Ocidente por dar a essa arte (*tekhné*) de cura – anteriormente ligada fundamentalmente à religião – um viés que muitos hoje chamarão de “científico”, guardadas as devidas diferenças com o que atualmente concebemos por ciência. Isso tem uma razão simples: apesar de manter-se atento ao campo espiritual (por conceber que a *psyqué* humana está associada à *psyqué* cósmica), ele se preocupou em observar metodicamente os fenômenos, disso derivando prognósticos mais articulados às suas repetições naturais. Contudo, o que propomos neste estudo é analisar um tema inserido no entremeio do viés religioso e “científico” da medicina hipocrática: a teoria dos quatro humores. Queremos analisar essa teoria, tentando entender como – através dela – Hipócrates explicava a relação entre doença/debilidade e saúde/cura a partir tanto do equilíbrio dos líquidos (humores) do corpo humano, quanto da harmonia que o sujeito estabelece com a natureza (*phýsis*) que o envolve. Analisando, pois, essa teoria humoral, adentramos num campo de conhecimento que até hoje tem muito a nos ensinar, especialmente por sermos contemporâneos às críticas a uma medicina cartesiana que privilegia o médico como o sujeito da cura (em detrimento do sujeito-paciente) e que não concebe a doença como um fenômeno emergente da desarmonia da vida do sujeito em sua relação com o meio no qual está inserido.

**Palavras-chave:** Medicina hipocrática, saúde, teoria dos humores.

### INTRODUÇÃO

A medicina é uma arte/técnica muito presente na vida humana, mesmo antes de ganhar esse nome, quando tribos primitivas averiguavam a natureza buscando encontrar possibilidades de cura para os males do corpo e da alma. Atualmente, dos procedimentos tecnicamente mais complexos às simples práticas de higiene, podemos dizer que somos tangenciados pelos ditames de um senso “médico” que parece ter se arraigado com mais profundidade no nosso imaginário cultural desde que, no Ocidente, a modernização da ciência e da tecnologia passou a ofertar – aos sujeitos – um maior domínio sobre os processos naturais. Contudo, há mais de dois milênios e meio, o mesmo Ocidente foi berço de uma forma de medicina que, apesar de já atenta à necessidade de observação metódica dos fenômenos e manipulação técnica do mundo natural, mostrou a importância de se compreender e fomentar a harmonia que os sujeitos estabelecem com a natureza (*phýsis*) que os envolve.

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

[www.joinbr.com.br](http://www.joinbr.com.br)

Se devemos considerar que a construção da história da medicina Ocidental se dá a partir de várias vertentes (pelo fato de ter sofrido influências de diversas civilizações, com suas peculiaridades culturais), não é equivocado afirmar que, somando-se ao fato de ter na Grécia antiga um grande berço de sua maturação, foi com Hipócrates (460-370 a. C.) que ela encontrou o termo de sua notoriedade primaz. Essa fama se consolidou por ter sido ele o primeiro indivíduo no Ocidente a dar à medicina – anteriormente associada fundamentalmente à religião – um caráter que muitos hoje chamarão de “científico”, guardadas as devidas diferenças com o que atualmente concebemos por ciência. Isso tem uma razão simples: apesar de manter-se atento ao campo espiritual (por conceber que a *psyqué* humana está associada à *psyqué* cósmica), ele se preocupou em observar metodicamente os fenômenos, disso derivando prognósticos mais articulados às suas repetições naturais.

Diante do que anunciamos, assumindo o pensamento hipocrático como o norte de nosso estudo, queremos analisar um aspecto temático que se insere no entremeio do viés religioso e “científico” da medicina hipocrática: a teoria dos quatro humores. Lançados nos termos desse interim fundacional, queremos investigar a seguinte problemática: como – através da teoria dos quatro humores – Hipócrates explicava a relação entre doença/debilidade e saúde/cura humana? Objetivando, pois, desvelar essa compreensão dessa teoria hipocrática, organizamos nossa investigação em duas etapas específicas: primeiramente, exploraremos as nuances gerais que caracterizam a medicina hipocrática, a fim de tornar mais claro – ao leitor – o “ambiente” cultural em que floresce a teoria que aqui analisamos; em seguida, analisaremos os detalhes que constituem a teoria humoral hipocrática.

A presente análise contempla um campo do conhecimento ainda pouco desbravado, o que talvez se explique pelo interesse contemporâneo às novidades de um mundo onde a ciência e a tecnologia parecem a tudo oferecer uma resolução e nada pedir explicação ao passado. No âmbito acadêmico, cremos que a relevância do nosso estudo se articula às críticas contemporâneas aos pressupostos de cientificidade da ciência moderna, especialmente no que tange à relativa separação entre ciência e religiosidade, física e metafísica, como também no que diz respeito ao olhar mecanicista que vê fenômenos naturais (como o adoecimento e a cura) como processos meramente objetivos.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A metodologia empregada no trabalho assume uma tipologia teórica. Do ponto de vista das obras de referências que guiarão nossa análise, seja quando – na primeira etapa de nossa análise – nos detivermos a explorar as nuances gerais que caracterizam a medicina hipocrática, seja quando – no momento seguinte – nos debruçarmos sobre a

teoria dos quatro humores, faremos uso de duas obras, a saber, “Aprendendo com Hipócrates” (CANUTO, 2009) e “História da Filosofia” (REALI; ANTISERI, 1990).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 1. Uma visão geral da medicina Hipocrática.

A medicina grega antiga é considerada por muitos como o berço da medicina ocidental, não só porque a cultura grega está no berço da racionalidade que cunhou o Ocidente, mas especialmente porque foi dos gregos que partiu uma perspectiva mais científica voltada para a observação clínica. Esse marco na medicina se deve a Hipócrates (460-370 a. C.). Filósofo grego nascido na ilha de Kós, responsável por nos deixar uma série de tratados, juntamente com pensadores que tinham os pressupostos sustentados sob a mesma base, no qual se dá o nome de CH (*Corpus Hipocrattium*), que mais tarde foram interpretados e comentados por outros médicos, como por exemplo, Galeno de Pérgamo, da Ásia Menor (atual Turquia). Considerado o maior comentador do CH, Galeno e o seu enorme trabalho de exegese foi fundamental para a transmissão e a difusão do legado hipocrático no mundo ocidental e oriental (Cf. REBOLLO, 2006, p. 72).

Três princípios gerais guiavam o médico hipocrático: (i) ser útil ao doente, isto é, favorecer e não prejudicar (o futuro *primum non nocere*); (ii) abster-se dos casos incuráveis, isto é, reconhecer os limites da arte frente àquilo que é necessário na natureza; e (iii) atacar terapêuticamente as causas da doença (REBOLLO, 2006, p. 61-62).

Esses eram os três princípios que guiavam o médico hipocrático. Esses princípios tinham como fundamento ideais de que o dever do médico é servir ao doente, a fim de que o cure dentro dos limites do que lhe é cabível intervir, “atacando-o” terapêuticamente, em harmonia com a natureza.

A princípio, a medicina grega era ensinada no interior das próprias famílias, de modo que discípulos que não possuíam parentes que apresentassem domínio ou conhecimento dos procedimentos médicos, não detinham de meios para aprendê-la. Com o tempo os ensinamentos passados pelos mestres, puderam ser adquiridos também pelos discípulos que não possuíam grau parentesco, disseminando ainda mais o conhecimento que detinham sobre medicina.

Na Grécia existiam concepções de que as doenças tinham causas sobrenaturais, motivadas pela intervenção de deuses. Apesar de

Hipócrates e os médicos hipocráticos enxergaram a medicina sob uma ótica mais científica (leia-se técnica), baseada na observação e no prognóstico, sua medicina – ainda que de certa forma – estava associada à religião, o que é possível percebermos e alguns ensinamentos hipocráticos em que ele faz referência a divindades, como no seu juramento (o famoso juramento Hipocrático), em que ele cita quatro deuses mitológicos: Apolo, Asclépio, Higiéia e Panacéia. Nessa perspectiva, aponta Cairus quando diz:

Os tratados que compõem o Corpus Hippocraticum não são ateus, nem tampouco devocionistas, pois não é de teologia de que se trata. Trata-se de dirigir-se aos deuses para jurar, por exemplo, mas não para curar (CAIRUS, 1999, p. 15).

A fé e o reconhecimento aos Deuses são notórios na cultura grega e presentes em sua medicina. Contudo, como afirma Cairus quando expõe que aos Deuses é dirigido para jurar-se e não como forma de se obter a cura, fica claro que os Deuses são vistos como modo de se prestar culto e devoção, mas que eles não exerciam influência sobre a saúde humana.

Outro ponto observado na medicina grega é que dissecavam pouco, por este fato, naquela época o conhecimento que tinham sobre corpo humano, era escasso. O paciente era considerado o principal objeto de trabalho (estudo) e o principal agente para a cura da doença, era através dele que discípulos e mestres aprendiam na prática, e para determinarem a causa de uma doença precisavam conhecê-lo a fundo.

## **2. A teoria humoral como instrumento da medicina grega**

A teoria dos quatro humores é tanto uma herança cultural, como um ponto de partida para a descoberta de diversas técnicas e conceitos para a evolução da medicina que foi se aperfeiçoando ao longo dos anos. Essa teoria nos trás o pensamento de que as doenças e suas características se originam a partir da influência de diversos fatores ligados a natureza, tal como: clima, estações, eras da vida, temperamentos entre outros.

Apesar da teoria humoral ter deixado um grande legado para a medicina, não se sabe ao certo quem a criou. O livro “História da Filosofia” aponta como sendo Políbio, genro de Hipócrates que a esquematizou e organizou suas idéias, tendo como base os pensamentos de Hipócrates sobre a medicina e sua relação com a natureza.

Essa teoria é baseada nos opostos: frio-quente e seco-úmido, por meio da combinação desses opostos são obtidos os quatro elementos, deste modo frio e úmido: água; frio e seco: terra; quente e úmido: ar e por fim, quente

e seco: fogo. Por sua vez, os quatro elementos estão relacionados com os fluídos corpóreos, com as possíveis doenças, com as eras da vida, com os temperamentos e com estações do ano.

A primavera é caracterizada pelo elemento ar, que se dá pela combinação do úmido com o quente, especificada como início da vida, onde esta começa a se formar; plantas brotam e as flores surgem; o fluído desse humor é o sanguíneo, o temperamento é de tendência à melancolia e algumas das doenças mais comuns a essa época são as febres altas, inflamações cerebrais, hemorragias nasais entre outras.

No verão, o fogo é o elemento específico dado pela relação do seco com o quente, ele representa o apogeu da vida e seu fluído característico é a bile amarela; o temperamento apaixonado, selvagem e vigoroso, já as doenças mais comuns nessa época são hemorragias nasais, oftalmológicas secas e violentas, menstruação escassa e dolorosa, partos difíceis entre outras.

O outono é representado pelo elemento da terra, pela ligação do o seco com o úmido; é a estação mais triste, porque marca o declínio da vida; o fluído característico dessa época é a bile negra; o temperamento melancólico, sombrio, triste e medroso é típico desse humor; as doenças mais comuns nessa época são epilepsia, transtornos mentais, febres altas, inflamações cerebrais entre outras.

O inverno é marcado pelo elemento da água, pela relação do úmido com o frio; é a estação que representa o final da vida; o fluído representado é o fleuma; apresenta o temperamento tranqüilo, distraído e preguiçoso, algumas das doenças mais comuns nessa época são diarréia, calafrios, febres invernais, hemorróidas entre outras. Como podemos observar na figura 1.

Por sua vez os quatro fluidos, característicos de cada humor, que são eles o sangue, a fleuma, a bÍlis amarela e a bÍlis negra, são provenientes respectivamente do coração, cérebro, fÍgado e baço. Sendo de tal modo o sangue quente e húmido, a fleuma fria e húmida, a bÍlis amarela quente e seca e a bÍlis negra fria e seca.



**Figura 1:** ilustração dos quatro humores e dos elementos a eles relacionados.

Alcmeon de Crotona, médico e filósofo pré-socrático, também apresentou uma notória contribuição para a teoria humoral, relacionando aos humores como sendo qualidades, na qual pode ser observada através do fragmento 4 DK:

Alcmeon disse ser a constituição da saúde o equilíbrio das propriedades: o úmido, o seco, o frio, o quente, o amargo, o doce, etc., e a produção da doença é a prevalência [μυναρχία] nas pessoas de uma delas; pois a destruição consiste na prevalência de uma delas. Assim a doença sobrevém de uma parte quando causada pelo excesso de calor ou de frio, ou de outra, quando devida à abundância ou à carência de um alimento, o que ocorre em partes como o sangue, a medula ou o cérebro. Essas partes podem ser também afetadas por causas externas, como certas qualidades de águas certos climas, pela fadiga ou por experimentar-se uma necessidade ou devido ao que lhes estiver perto. Mas ainda quanto à saúde, ela é a justa medida da mistura das qualidades (CAIRUS; RIBEIRO, 2005)

As doenças são causadas pelo desequilíbrio entre as composições dos quatro humores, através da ação de fatores externos e

internos; por isso para evitar a doença é preciso que esses humores apresentem constante equilíbrio, em proporção, propriedades e quantidades. A prevenção e até uma forma de recuperação das doenças, era através da busca por elementos que fossem o oposto da estação presente, a fim de estabelecer a harmonia e o equilíbrio desses humores. Como por exemplo, quando a estação presente era o inverno, procurava-se ingerir alimentos quentes e húmidos, como uma sopa quente, ou quando era o verão, o indicado seria comer alimentos frios e húmidos, assim como água gelada e sorvete. E era justamente isso que o médico procurava fazer para tratar as doenças, mantendo o equilíbrio desses humores respeitando a natureza e estando em conformidade a ela. Assim como diz Francis Macdonald Cornford em seu capítulo *Teoria empírica do conhecimento*: “Os médicos foram os primeiros a interrogar a natureza com o espírito aberto e na disposição de aceitarem a sua resposta e de modificarem os seus métodos de acordo com ela” (CORNFORD, 1981, p. 60). Deste modo, para Cornford o médico estava de acordo com a natureza para exercer a atuação de seus métodos, procurando entender a medicina por meio dela e de sua harmonia com o homem.

A teoria dos quatro humores mostra como os gregos pensavam a ligação do corpo humano com o cosmos, que seria uma espécie de sua extensão. O mito de Perséfone mostra bem essa relação entre saúde e natureza (presente na teoria dos quatro humores): Perséfone, deusa das flores, perfumes e dos frutos, é filha de Deméter (que representa a terra cultivada e as artes da ressurreição) com Zeus (o rei dos deuses do olimpo); ela era considerada uma jovem muito bela e foi capturada por Hades (deus do mundo dos mortos) para viver no submundo. Sua mãe, após toda a tristeza e desespero que sentiu vendo que sua filha tinha sido levada para o submundo, acaba entrando em um acordo com Hades, concorda que sua filha passará um tempo do ano com ela, e o outro no submundo ao lado Hades. Quando Perséfone está com a mãe, é primavera, a terra volta a germinar, as flores surgem, a vida brota. Já quando ela está no submundo, é a vez do outono, sua mãe fica em estado de melancolia e tristeza, então a terra não produz, as plantas param de dar frutos e as folhas, murcham e caem.

## CONCLUSÕES

Diante do estudo apresentado, podemos concluir que a medicina hipocrática apresenta elementos teóricos de grande influência à medicina vivenciada nos dias atuais. Apesar da escassez de recursos tecnológicos avançados para a época os pensamentos eram inovadores e produtivos.

Vimos que, a medicina hipocrática teve como caráter peculiar o surgimento das bases de uma medicina científica voltada para observação do paciente e sua relação com o ambiente. Assim como a teoria dos quatro humores que estabeleceu uma harmonia entre o homem e a natureza, conexão definida entre o cosmo e o indivíduo. Nesse contexto a relação do homem com a natureza, estava associada à saúde, que era influenciada por diversos fatores resultantes dessa relação, como temperamentos, eras da vida, fluídos corpóreos, clima entre outros que foram expostos ao longo do artigo.

Em síntese podemos notar em diversas civilizações elementos da medicina grega, assim como aspectos da teoria dos quatro humores que estão presentes na atualidade, em procedimentos médicos e relacionados à saúde dos indivíduos, o que é considerada uma herança cultural partindo dos pressupostos de medicina deixados pelos gregos.

## REFERÊNCIAS

BYNUM, W. **Historia da medicina**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011. p 11-20.

CAIRUS, H. **Os limites do sagrado na nosologia hipocrática**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. 175 p.

CAIRUS, H; RIBEIRO JR. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

CANUTO, A. (Org) et al. **Aprendendo com Hipócrates: aspectos da história da medicina**. Maceió: EDUFAL, 2009. 272p.

CORNFORD, F.M. **Principium sapientiae: as origens do pensamento grego**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

GUSMÃO, S. **História da medicina: evolução e importância**. Belo Horizonte: UFMG, 19 p.

MARCONATTO, A. **Hipócrates de Cós (460-377 a.C)**. Disponível em:

<[http://www.filosofia.com.br/historia\\_show.php?id=27](http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=27)>. Acesso em: 16 Jun. de 2017.

O CULTURA. **Quatro Humores**. Disponível em:

<[http://www.ocultura.org.br/index.php/Quatro\\_humores](http://www.ocultura.org.br/index.php/Quatro_humores)>. Acesso em 20 Jun. de 2017.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 1990.

REBOLLO, R.A. **O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno**. *Scientiae Studia*, v. 4, n. 1, 2006. p 45-81.

SALIS, V.D. **Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar**. 2. Ed. São Paulo: Nova Alexandria, 2005.

